



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

O COMÉRCIO DA AJUDA: ÓRGÃO DE PUBLICAÇÃO QUINZENAL, ANUNCIADOR, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA¹ - Jornal local lisboeta cujo primeiro número saiu a público a 12 de Setembro de 1931, e o último número a 11 de Setembro de 1937, com um total de 153 edições distribuídas por duas séries. Seis anos, de um jornal que se declarava “órgão de publicação quinzenal, anunciador, noticioso e defensor dos interesses da Freguesia da Ajuda”. Era propriedade e edição da Tipografia Gráfica Ajudense, na Calçada da Ajuda, nº 176 (com o telefone B. 487) e na mesma morada funcionava a redação, a administração e a composição. A partir da 2ª Série, com início no nº 13, publicado a 19 de Março de 1932, teve como diretor António Gomes Rocha, como administrador J.A. Silva Coelho e como editor António de Campos Aço. Teve um novo grafismo com um desenho de José Martins, da Imprensa Nacional de Lisboa, com a Torre da Ajuda à direita e Mercúrio, deus do comércio, à esquerda. A partir de 22 de Outubro de 1932 passa a ser dirigido por Alexandre Rosado. Só o primeiro número não tem a célebre frase “Este número foi visado pela Comissão de Censura”, cumprindo a legislação entretanto em vigor, e que surge em todos os restantes números. Distribuía-se gratuitamente nos estabelecimentos comerciais a todos os fregueses que adquirissem produtos das lojas.

Teve a colaboração de vários moradores, quer através de pequenos artigos, quer sob a forma de cartas à redação, bem como a colaboração de alguns autores especializados. Por exemplo, logo no 1º número se anuncia que o jornal terá uma coluna médica da responsabilidade de médicos, com residência ou consultório na Ajuda, com conselhos úteis para a população em geral. Os artigos médicos versam sobre saúde pública (doenças infetocontagiosas, o vício do tabaco, por exemplo), bem como sobre conselhos à população, nomeadamente em questões de saúde infantil.

De igual forma vão surgindo alguns textos literários, poemas e prosas, de autores portugueses. Também se publicam contos estrangeiros traduzidos, à semelhança do que se fazia em outras publicações da época.

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ocomerciodaajuda/ocomerciodaajuda.htm>

Teve ainda a colaboração de Alfredo Gameiro, com uma vasta série de artigos sobre a toponímia e a história local, de quem, em jeito de homenagem, o jornal publicou a obra “Os meus Versos”, em 1936, sob a forma de livro. E ainda de Mário de Sampaio Ribeiro que se dedicou a escrever sobretudo sobre toponímia ajudense.

O Comércio da Ajuda não é caso único à época. Temos conhecimento ainda dos seguintes títulos seus contemporâneos: a *Voz de Alcântara*, os *Ecos da Graça*, os *Ecos dos Anjos*, os *Ecos de Campo de Ourique* e os *Ecos de Belém*, único que se publicou até aos anos 80. Todos se apresentam como defensores das suas freguesias e dos seus fregueses, apoiando-se no comércio local, divulgando as atividades sociais, culturais, desportivas dos seus bairros, expondo as condições de vida e as necessidades sentidas pelas populações, reivindicando as alterações necessárias. É através da consulta destes periódicos que podemos entrever a vida destas freguesias nos anos 30, anos em que predominantemente se publicam estes periódicos.

Ao lermos o editorial “O Nosso Programa”, no 1º número do periódico, verificamos que o jornal se propunha dois objectivos:

“(…) pairava no espírito dos reclamantes o desejo de ver a freguesia da Ajuda sair do ostracismo a que foi votada, progredindo e elevando-se, pelo menos, até ao nível das restantes freguesias de Lisboa. Esse desejo está latente em todos os peitos. Todos estão – afirmamo-lo dispostos a trabalhar para esse fim. Mas... que parta dos outros a iniciativa e o exemplo. Daí, a necessidade dum agente de ligação – este jornal – repositório de todos os bons alvitres e opiniões tendentes a um eficaz aproveitamento de todos os esforços.”

Por outro lado, a crise económica que grassava no Mundo levava também a uma estagnação do próprio comércio local, preferindo os moradores abastecer-se noutros locais da cidade, muito por culpa da publicidade desses estabelecimentos comerciais, no entender da redação.

“Daí, a necessidade de um agente de ligação – este jornal – destinado a indicar ao consumidor o caminho a seguir para melhor acautelar os seus interesses e os da sua freguesia.”

Concluindo que “Do progresso da freguesia melhores dias poderão vir para o comércio local. Da melhoria do comércio muito pode beneficiar a freguesia.”

O Comércio da Ajuda propunha-se, assim, servir de intermediário entre o comércio e as instituições locais, tendo por objetivo o melhoramento da freguesia.

No 2º número, regressa a redação a falar do apoio recebido e insiste “Desde a obra de assistência à conquista dos mais indispensáveis melhoramentos: a abertura do bairro social, a abastecimento de águas, o serviço de limpeza e regas, etc., muito há a tratar, e nós estamos dispostos a não largar de mão estes assuntos enquanto os nossos brados não forem ouvidos por quem de direito.”

Ao longo da sua existência *O Comércio da Ajuda* bater-se-á pelo progresso da freguesia. De entre os seus temas mais debatidos, encontramos três predominantes: a questão da habitação, a falta de abastecimento de água e a ausência de estabelecimentos escolares.

Na questão da habitação, ganha relevância o Bairro Social da Ajuda. Planeado em 1918 e iniciando-se as obras nesse mesmo ano, verá a sua construção arrastar-se até ao ano de 1932, quando Duarte Pacheco, então ministro das Obras Públicas, retoma e faz avançar o projeto. Em 1934, a 31 de Janeiro, foi inaugurado o Bairro, com direito a notícia na 1ª página do dia 3 de Fevereiro, embora a redação lamente o facto de não ter sido convidada para a cerimónia.

O problema do abastecimento de água à freguesia, bem como o da rede de esgotos, surge ao longo da publicação, com maior incidência nos meses de Verão quando a escassez de água mais se fazia sentir. Só a partir de 1936 começa o jornal a dar notícias positivas uma vez que a Companhia das Águas anunciara grandes obras no melhoramento da rede de abastecimento à cidade. No entanto, ainda num dos seus últimos números (Junho de 1937), e apesar de se congratular com o facto de parecer que a freguesia tinha saído do esquecimento, apontava a existência de um esgoto a céu aberto entre a Sacota e o Rio Seco, nas proximidades de habitações.

A ausência de estabelecimentos de ensino é debatida quer pela redação, quer através da participação de moradores preocupados com o abandono a que eram votadas as crianças da freguesia. Queixam-se da disparidade entre a freguesia de Belém, menos populosa, mas que tinha seis escolas oficiais, enquanto a populosa freguesia da Ajuda apenas possuía dois. *O Comércio da Ajuda* apoia a iniciativa de Ilda Bulhão Pato, diretora da Escola Maternal da Ajuda, na criação de um outro estabelecimento – o Jardim Infantil da Ajuda – «, fomenta a criação de cursos escolares (diurnos e noturnos) nas várias coletividades locais e, até 1936, ano em que o ensino desta

língua é proibido em Portugal, publica diversos artigos sobre o Esperanto e noticia as escolas e associações que a ensinavam.

Promove campanhas pela abertura do Jardim Botânico da Ajuda, que obtém grande êxito, uma vez que o jardim passa a abrir ao público em Outubro de 1934; pela abertura do Palácio da Ajuda; pela alteração do percurso da linha de elétricos; pela criação de uma clínica médica gratuita no Hospital Militar de Belém e por um mercado na freguesia.

A par destes temas mais prementes, *O Comércio da Ajuda*, como jornal local, acompanha a vida da freguesia, publicando pequenos artigos sobre acontecimentos ocorridos na freguesia, mantendo uma coluna (Vidas de Trabalho) sobre comerciantes, divulgando as atividades desportivas e sociais, noticiando mortes, casamentos.

Desconhecemos o motivo concreto que levou à decisão de suspender o jornal. As primeiras páginas dos três últimos números, porém, deixam-nos entrever que alguma oposição ao jornal tinha ganho força, e a direção optara por não a combater.

A 11 de Setembro de 1937, faltando um único dia para os seis anos exatos, *O Comércio da Ajuda* publicava o seu último número.

Ana Homem de Melo

Gabinete de Estudos Olisiponenses

Lisboa, 17 de Outubro de 2018